

Senado Federal

# Briga eleitoral amplia conflito interno no PFL

Ed Ferreira/AE - 9/11/2000

*Partido divide-se em 2 grupos, que vão manter 'aliança' até as eleições nas duas Casas*

**B**RASÍLIA — Abalado pela ameaça de ser aliado do núcleo de poder, o PFL uniu-se estrategicamente contra o governo, a tempo de salvar a candidatura do líder pefelista Inocêncio Oliveira (PE) à presidência da Câmara. Internamente, porém, o partido está dividido em dois discursos: o de assumir definitivamente uma autonomia em relação ao governo e até entregar os cargos, se for inevitável, e outro, essencialmente governista, que avalia a crise como uma briga eleitoral restrita ao Congresso.

Ao mesmo tempo, o vice-presidente Marco Maciel (PFL) tratou de manter abertos os canais de diálogo do partido com o governo, explicando que a atitude de oposição do PFL no plenário do Congresso, quando derrubou uma importante medida provisória do Palácio do Planalto, foi estratégica para ajudar Inocêncio na conversa marcada com a oposição ontem à tarde.

Aos governistas mais preocupados com as conseqüências da crise, o presidente nacional do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), argumentou que o relacionamento com o governo ainda está preservado. "Terça-feira estarão todos calmos e tudo ficará sob controle", confidenciou ele a um parlamentar, certo de que a ofensiva do PFL vai dar bons resultados.

Dirigentes nacionais do PFL explicam que, ao assumir uma posição mais radical contra o governo do qual participa, mesmo que temporariamente, o PFL mandou um recado claro ao Palácio do Planalto: os dois lados têm



Bornhausen: 'Terça-feira estarão todos calmos e tudo sob controle'

muito a perder no caso de um rompimento.

Os dois grupos pefelistas fizeram uma aliança estratégica até as eleições no Congresso, porque a prioridade de ambas as partes é garantir seu espaço de poder no Congresso. Até que as urnas da Câmara e do Senado definam os derrotados, vale tudo. Até mesmo manter o governo sob a ameaça de uma parceria do PFL com a oposição.

Foi esse o motivo que levou presidente pefelista, interlocutor preferido do presidente Fernando Henrique Cardoso, a deixar Brasília no momento de maior tensão da briga eleitoral na Câmara, antes de Inocêncio Oliveira conduzir a bancada na votação contra medidas provisórias do governo. Enquanto

Bornhausen aterrissava na Ilha de Santa Catarina, a linha de frente da campanha de Inocêncio responsabilizava o governo pela ousadia dos tucanos de lançar uma candidatura contra Inocêncio e chegar a ponto de firmar compromisso, por escrito, de eleger o peemedebista Jader Barbalho presidente do Senado.

"O governo aceitou conviver com padrões éticos que, para nós, são inaceitáveis", acusou o vice-líder do PFL, Fernando Brant (MG). Segundo ele, o governo "está participando, ora

por ação, ora por omissão, de nosso alijamento da aliança". Brant propôs aos correligionários que encerrem a solidariedade política ao Planalto. (Christiane Samarco e Cláudia Carneiro)

**B**RANT:  
ÉTICA DO  
GOVERNO É  
'INACEITÁVEL'